

Degradação Ambiental e Hospitalidade: apontamentos sobre a intensificação do turismo na Vila do Abraão – Ilha Grande – RJ, Brasil

Environmental Degradation and Hospitality:
annotations about the intensification of tourism
in Vila do Abraão – Ilha Grande – RJ, Brazil

*Carolina Dutra de Araújo*¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo avaliar a percepção do residente da Ilha Grande, em relação ao impacto ambiental causado pelo turismo e contrapor à visão do turista, a fim de demonstrar se há algum reflexo do impacto ambiental na hospitalidade local. Sobre esse aspecto, colocam-se duas importantes questões: se o residente credita o impacto ao visitante, como ele se comporta em relação ao turismo; se esse comportamento é negativo, como o visitante percebe a hospitalidade local. Ao longo das discussões em torno dessas problemáticas, surgiu uma nova indagação: se o impacto é visível, como ele repercute na motivação do turista ao viajar para a Ilha Grande e qual a imagem que ele possui do lugar, em contraposição à imagem do residente.

PALAVRAS-CHAVE: percepção; residentes; turistas; impacto ambiental; hospitalidade; Ilha Grande – Rio de Janeiro (Estado), Brasil.

ABSTRACT: The objective of this paper is to evaluate the perception of Ilha Grande's residents related to the environmental impact caused by tourism and to contrast to tourist's point of view, as to demonstrate if there is any consequence of the environmental impact on local hospitality. On this aspect two important questions are made: if residents think the impact is caused by visitors, how do they behave due to tourism; if this behavior is negative, how do visitors interpret local hospitality. During the discussions about this

problem, a new question appeared: if the impact is visible, how does it reflects on tourist's motivation to travel to Ilha Grande and what is the image that they have about the place, contrasting to resident's image.

KEYWORDS: perception; residents; tourists; environmental impact; hospitality; Ilha Grande – Rio de Janeiro (State), Brazil.

Introdução

À medida que as questões ambientais tornam-se cada vez mais urgentes, as destinações turísticas sofrem perdas que podem comprometer irreversivelmente seu patrimônio natural.

As populações locais, juntamente com os investidores do setor turístico, são, indiscutivelmente, os maiores prejudicados, tanto em termos financeiros como em termos de degradação do que poderia ser seu maior bem e parte de sua identidade cultural, o meio ambiente.

No escopo desses apontamentos, emerge a questão da hospitalidade em núcleos cujo componente paisagístico é o grande norteador de fluxos de visitação.

Neste artigo, pretende-se discutir a influência da degradação ambiental sobre a hospitalidade em núcleos turísticos, por meio da análise do caso de Ilha Grande, no litoral do Rio de Janeiro. Para essa discussão, serão levantados dois aspectos principais:

- o impacto ambiental atribuído ao turismo influencia na hospitalidade dos residentes?
- como os visitantes percebem a hospitalidade dos residentes, em face dos problemas ambientais?

Ao longo das discussões em torno das problemáticas propostas, surgiu uma nova indagação: se o impacto é visível, como ele repercute na motivação do turista ao viajar para a Ilha Grande e qual a imagem que ele possui do lugar, em contraposição à imagem do residente?

Em virtude disso, faz-se necessário analisar separadamente duas questões: a realidade do residente e o imaginário do visitante; os reflexos da degradação ambiental sobre a hospitalidade local. Tais colocações acabaram por interferir uma na outra.

Em primeiro lugar, a percepção nostálgica do lugar pelos moradores, em boa parte, não é compartilhada pelos visitantes, que conheceram o local em seu estado

1. Mestranda em Ciências Ambientais e Florestais pelo Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – IF-UFRJ; bolsista CAPES. Contato: Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA. Campus Aterrado. Av. Lucas Evangelista 862 – 27215-630 – Volta Redonda – RJ; e-mail: dutracarolina@gmail.com.

atual. Para a maioria dos turistas, a imagem do Instituto Penal Cândido Mendes é negativa e eles imaginam que a vida na Ilha Grande seja melhor atualmente.

Em segundo lugar, pôde-se perceber que o visitante ainda não foi totalmente prejudicado em sua experiência, devido a todas essas mudanças. A indicação de outras pessoas ainda é o grande fator de motivação para a viagem, demonstrando que o visitante termina o passeio com um grau de satisfação elevado.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira, foi aplicado um questionário com base na Escala de Satisfações de Lickert, adaptado de Dencker (2001) e Cruz (1996), para verificar a opinião do residente em relação aos impactos ambientais, conforme segue.

Quadro 1. Modelo da entrevista estruturada, aplicada aos visitantes da Vila do Abraão

Cidade de origem.	Profissão.
Sexo.	Idade.
1) Por que veio à Ilha Grande?	
2) Como chegou?	
3) Como soube do passeio?	
4) Onde está hospedado? Onde faz as refeições?	
5) O que faz quando está na Ilha Grande?	
6) Sabia do presídio? Sim () Não () Sabe onde fica? Sim () Não ()	
7) O que está lhe agradando mais?	

Na segunda fase, foram realizadas entrevistas estruturadas, conforme Dencker (2001) e Rushmann (1997), com os visitantes, a fim de aferir suas motivações para o passeio e suas impressões sobre o lugar, conforme o modelo.

Quadro 2. Modelo do questionário baseado na Escala de Satisfação de Lickert, aplicado aos residentes da Vila do Abraão

Afirmarções	Concordo totalmente	Concordo em parte	Não sei	Discordo em parte	Discordo totalmente
1) O turismo prejudicou a qualidade da água do mar.					
2) A água doce está poluída devido ao turismo.					
3) A água potável está poluída em razão do turismo.					
4) O turismo tem provocado a diminuição ou desaparecimento de árvores comuns à Vila.					
5) O turismo tem provocado a diminuição ou o desaparecimento de frutas comuns à Vila.					
6) O turismo tem provocado a diminuição ou o desaparecimento de flores comuns à Vila.					
7) O turismo tem provocado desmatamentos.					
8) Os peixes têm diminuído ou desaparecido com a entrada do turismo.					
9) Os pássaros têm diminuído ou desaparecido com a entrada do turismo.					
10) Os animais comuns à Vila (pererecas, caranguejos, grilos, besouros) têm diminuído ou desaparecido com a entrada do turismo.					
11) O turismo gera poluição do ar.					
12) O turismo gera acúmulo de lixo nas praias.					
13) O turismo gera acúmulo de lixo nas cachoeiras.					

Afirmações	Concordo totalmente	Concordo em parte	Não sei	Discordo em parte	Discordo totalmente
14) O turismo gera acúmulo de lixo nas trilhas.					
15) O turismo gerou aumento do esgoto e mau cheiro.					
16) O turismo provoca a erosão ou compactação de trilhas.					
17) O turismo modificou a paisagem natural da Ilha Grande.					
18) O turismo modificou a paisagem construída da Ilha Grande.					

Por fim, obteve-se a relação dos dados dos residentes e dos turistas, e analisaram-se as questões, à luz das reflexões em torno da hospitalidade. Como não existem parâmetros definidos para a mesma, perguntas gerais foram feitas, a fim de avaliar subjetivamente alguns aspectos considerados relevantes, como hospedagem, alimentação, passeios em geral e qualidade nos serviços.

Em 2000, a população residente na Vila do Abraão era de 2.072 habitantes, segundo o IBGE. Foi tomada, então, uma amostragem de 5% para a aplicação dos questionários aos moradores. A visitação anual na Ilha Grande foi estimada em 114 mil turistas, considerando-se apenas os que pernoitam, gerando uma média de visitação mensal de 9.500 pessoas, segundo FUNBIO, PROGRAMA MPE (2002). Como o número obtido foi muito alto e leva em consideração a visitação em toda a Ilha, tomou-se uma amostragem de 1% da visitação mensal para a aplicação das entrevistas estruturadas aos turistas.

Todo o trabalho de campo foi realizado nos meses de julho, agosto, setembro e outubro de 2004, durante feriados nacionais de finais de semana comuns. Os residentes foram abordados em suas residências ou local de trabalho durante o dia, enquanto os visitantes foram abordados em atrativos da Vila do Abraão (praias, cachoeiras), durante o dia, bem como em bares e restaurantes no período da noite.

A Vila do Abraão, além de ser a mais populosa, é também a mais visitada. Isso se deve principalmente à sua localização geográfica direcionada para o continente, distando apenas 17 quilômetros do Porto de Angra dos Reis. Por essas características, a Vila do Abraão foi escolhida como área de estudo dessa investigação. Além disso, é lá que se manifestam as maiores interações dos moradores com as questões de hospitalidade e meio ambiente, e onde as relações residente/visitante são mais pronunciadas.

Ilha Grande: o paraíso acessível

A Ilha Grande possui clima tropical, quente e úmido, sem estação seca. A temperatura do ar varia entre 15°C e 30°C. A temperatura média da água do mar varia de 18°C a 24°C. Os dias de sol variam entre 180 a 200 por ano (Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Projetos Especiais, Fundação Instituto Estadual de Florestas, 1993), colaborando para a boa visibilidade da água para banhistas e praticantes do mergulho. Segundo a Estação Meteorológica de Angra dos Reis, a temperatura média anual da Ilha é de 22,5°C. O mês mais quente é fevereiro, com média de 25,7°C, enquanto o mais frio é julho, com média de 19,6°C (Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Projetos Especiais, Fundação Instituto Estadual de Florestas, 1993). Devido a essas características, a Ilha Grande recebe uma visitação mais ou menos regular durante todo o ano, exceto no verão, quando o número de turistas é muito grande.

A Ilha Grande está localizada na região Sudeste brasileira, ao sul do Estado do Rio de Janeiro, no Município de Angra dos Reis, na Baía da Ilha Grande, área também conhecida como Costa Verde. Configura o terceiro distrito do Município, conforme a Lei nº 270/LO, de 15 de abril de 1993. Sua área total é de 187 quilômetros quadrados, ocupando 22,83% do território do Município. A Ilha Grande localiza-se, ainda, próximo ao Município de Paraty, ou seja, uma das áreas mais visitadas e possuidora dos destinos mais consolidados do Estado do Rio de Janeiro. A Ilha Grande apresenta relevo com 34 picos, sete enseadas e 106 praias, que são seus maiores atrativos naturais, visitados principalmente durante o verão. O Pico da Pedra d'Água e o Pico do Papagaio são os de maior altitude, 1.031 e 982 metros, respectivamente (Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Projetos Especiais, Fundação Instituto Estadual de Florestas, 1993).

Durante boa parte dos séculos XVIII e XIX, as atividades econômicas da Ilha Grande baseavam-se na agricultura e na pesca. Na década de 1950, havia fábricas de enlatamento de sardinhas (Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Projetos Especiais, Fundação Instituto Estadual de Florestas, 1993). Com a decadência da atividade pesqueira e a desativação do Instituto Penal Cândido Mendes, em 1994, teve início o desenvolvimento do turismo.

Aspectos das relações entre homem e natureza em núcleos turísticos

Impacto é definido, no *Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo* (Pellegrini Filho, 2000: 134), como “efeito de determinada ação ou atividade sobre certo

meio, causada por motivo diverso”. Essa definição é complementada pelo conceito de impacto ambiental, “conseqüência no *meio ambiente* provocada por causas naturais ou interferência *antrópica*. Pode ser reduzido ou amplo, no *ecossistema*”.

O impacto específico causado pelo turismo é chamado, no mesmo dicionário, de *impacto na atividade*, e podem ser impactos físicos, socioculturais e psicológicos (Pellegrini Filho, 2000). Segundo o dicionário,

são positivos a geração de empregos, a entrada de divisas, a conscientização da necessidade de preservação dos recursos naturais e culturais etc.; são negativos a poluição, o desmatamento, a especulação imobiliária, o uso inadequado do solo, a perda de identidade de determinadas comunidades, entre outros (Pellegrini Filho, 2000: 134).

Para Tulik (1990), os impactos negativos são observados diretamente na diminuição ou eliminação de espécies vegetais, devido ao aumento do número de construções destinadas ao uso turístico, intensificação do tráfego de pedestres e/ou veículos, incêndios em pequena ou grande escala e coleta de plantas. As mudanças na qualidade da água são visíveis, em razão da poluição provocada por esgotos e óleo proveniente de embarcações que, por sua vez, também afetam a fauna e a flora, bem como prejudicam a prática de atividades de lazer relacionadas ao aproveitamento náutico. O aumento do tráfego de veículos provoca a poluição do ar, e atos de vandalismo depredam tanto o patrimônio cultural como o natural. A vida animal é prejudicada pelas práticas de caça e pesca. Além disso, ainda podemos citar as pichações que descaracterizam a paisagem e os monumentos históricos, o excesso de visitação que sobrecarrega equipamentos turísticos e o meio ambiente (causando, entre outras coisas, a compactação e erosão do solo). Em se tratando de ilhas, o impacto pode ser ainda mais grave, já que se caracterizam como ecossistemas isolados do continente e lugares ideais para o estudo de aspectos das diversas espécies de fauna e flora. Por serem fáceis de observar, também são mais frágeis e suscetíveis a impactos, já que

[...] muitos organismos que vivem em ilhas e outros habitats restritos, como lagos e cumes de montanhas, são tão raros ou locais que podem aparecer e desaparecer em curto espaço de tempo, sem deixar fósseis. [...] as estimativas de longevidade de espécies naturais devem ser entendidas com grande precaução a grupos que tenham um pequeno registro fóssil (Furlan In: Lemos, 1999).

Atualmente, há uma preocupação ainda maior com relação às mudanças climáticas e seus efeitos sobre a motivação para visitar determinadas destinações, cujo principal atrativo é natural. É necessário destacar que o clima é reflexo de

impactos ambientais muito fortes, em nível mundial, cuja manifestação está, em última instância, em âmbito local. Para populações com forte ligação com o meio ambiente, as mudanças ambientais visíveis são sentidas anteriormente às alterações climáticas.

Impacto ambiental e turismo sob a ótica dos residentes

Ao se falar em turismo com os residentes da Vila do Abraão, inevitavelmente são feitas comparações com o passado. Em diferentes intensidades, a qualidade de vida é analisada e dividida em *antes e depois* do turismo, assim como também pode ser dividida em *antes e depois* do Instituto Penal Cândido Mendes, cuja desativação é o grande marco da ocupação turística. Para os residentes na Ilha Grande, a convivência com os detentos era algo natural e oferecia segurança à população, devido ao próprio sistema de segurança do Instituto Penal Cândido Mendes.

Observa-se, na Vila do Abraão, que a atividade turística é percebida de forma um tanto negativa pelos residentes, devido, em grande parte, ao crescimento desordenado e rápido da visitação turística na Ilha Grande. A partir de então, a disputa por estabelecimentos e empreendimentos que pudessem servir ao turismo tornou-se evidente. Durante as entrevistas e durante uma audiência pública realizada na Vila do Abraão², os moradores expressavam, frequentemente, seus sentimentos de descontentamento em relação a algumas atitudes e formas de pensamento dos comerciantes e sobre a degradação da natureza. Colocaram que, “[...] após a desativação e implosão do presídio, a Ilha Grande ficou com as ‘portei- ras abertas’ à especulação. O litoral, plotado em mapa, parece atualmente um teclado de piano: loteamentos realizados com a omissão ou conivência do poder público. Os grandes empresários têm dinheiro para contratar bons advogados e fazem o que querem. Os ambientalistas ficam entre dois fogos, inimigos de ricos e pobres, porque apontam e denunciam o que está errado”. Sobre outro problema, disseram que “é lixo exposto toda a noite na rua, para imundície geral e alegria dos animais”.

Os moradores afirmam, ainda, de acordo com os questionários aplicados, que a vida na Ilha Grande, hoje em dia, “é meio agitada, concorrida. Os moradores daqui brigam e disputam para ver quem agrada mais o turista; deveriam se unir para fazer algo de bom, seria o melhor para todos”, “As pessoas que vivem aqui,

2. A audiência pública foi realizada pelo CEREJA – Centro de Referência em Justiça Ambiental, do Estado do Rio de Janeiro, na sede do Parque Estadual da Ilha Grande, na Vila do Abraão, em julho de 2002.

hoje, são muito diferentes, pessoas estranhas que vêm tentar a vida pelo turismo”, referindo-se às pessoas *de fora*³ que estabelecem negócio na Ilha Grande.

A dicotomia entre a lógica do trabalho existente à época do funcionamento do Instituto Penal Cândido Mendes contrapõe-se à nova ordem do ócio e do lazer para os ex-funcionários residentes na Ilha Grande. Sendo assim que, “de tal forma, o turismo cria, transforma e, inclusive, valoriza diferencialmente espaços que poderiam não ter ‘valor’ no contexto da lógica de produção [...]. Toda a questão do patrimônio ‘turistificado’ pode ser analisado sob essa vertente (Nicolas, 1989).⁴” Alguns moradores da Vila Dois Rios acreditam que o presídio deveria ter sido transformado em museu. A maioria entende aquele espaço como sendo produtivo. As ruínas abandonadas incomodam os residentes e, de certa maneira, os impedem de progredir.

Segundo a pesquisa baseada na metodologia de Lickert, a grande maioria dos residentes atribui o acúmulo de lixo nas praias, cachoeiras e trilhas aos turistas, e a quase totalidade dos entrevistados afirmou que as trilhas são as mais afetadas pelo mesmo problema. A erosão também foi bastante citada, enquanto poucos crêem que o turismo não seja o responsável pelo desgaste das trilhas.

Boa parte dos moradores acha que o aumento do esgoto e do mau cheiro decorrente tem relação com a movimentação turística, e poucos discordam totalmente.

Na avaliação da beleza cênica, natural ou artificial, o resultado aponta certo paradoxo. Após creditarem a maioria dos impactos ambientais visíveis ao turismo, os residentes acham que a paisagem natural e construída da Ilha Grande foi modificada, embora acreditem que esta última foi alterada por razões diversas que não o turismo, como ocupação desordenada por parte dos próprios moradores, ou seja, os *de fora*, *não-nativos*.

Em relação à qualidade da água, delegam ao turismo a responsabilidade pela poluição da água do mar, da água doce e da água potável, enquanto alguns acham que tais problemas estão relacionados ao turismo apenas em parte. As opiniões foram equilibradas para a degradação da fauna e da flora. A população acha que alguns desses impactos são causados, em parte pela atividade turística, em parte pelos próprios moradores. Os maiores impactos creditados ao turismo nesse âmbito foram os desmatamentos e a diminuição ou desaparecimento de animais comuns à Vila. A causa da conduta dos visitantes é vista como “falta de educação”

e “baixo nível”, pois são pessoas que “só poluem o ar, as matas, as praias e fazem badernas”, e ainda, “não são ecoturistas, são predadores”. As principais causas dos impactos foram atribuídas principalmente aos turistas de baixa renda, que não consomem na Vila do Abraão e produzem muito lixo. A Vila do Abraão atrai turistas de classes sociais mais baixas da região fluminense por oferecer uma opção mais acessível economicamente, do que atrações e hospedagem no continente. As pousadas e os *campings* têm preços mais baixos em relação às outras vilas e não é necessário transporte no interior da Ilha Grande. Por outro lado, a alimentação possui preços mais elevados, devido aos gastos com transporte do continente para a Ilha Grande, fato que estimula os visitantes a levar alimentos dos seus locais de origem. Outra causa apontada foi a superlotação, principalmente em feriados prolongados e férias escolares.

O grande receio dos moradores da Ilha Grande diz respeito às grandes transformações espaciais e sociais que podem vir a ocorrer. Essa perspectiva é observada por Nicolas (1989), quando afirma que “à valorização social desses espaços deve acompanhar-lhe a possibilidade de serem usados. Quando passar a ser massiva, será o momento no qual as transformações do espaço também serão massivas, mediante uma atuação intensiva sobre o território⁵.” Moradores e turistas concorrem por espaço: “na hora do transporte, temos que enfrentar filas enormes e tumultos”, já que os horários das barcas são definidos em função da movimentação turística.

A infra-estrutura gerada em decorrência do turismo é algo importante e que definitivamente auxiliou a população local, como é reconhecido pela maioria, mas a degradação ambiental efetivamente está ligada à atividade, tanto por parte da conduta dos visitantes quanto pela atuação dos empreendedores turísticos, o que novamente envolve os *de fora*.

A hospitalidade sob a perspectiva do visitante

Os visitantes da Ilha Grande podem ser caracterizados como *turistas antigos*, que a visitaram mais de uma vez ou a visitam regularmente, os *turistas moradores*, que lá possuem segunda residência e, por vezes, não gostam de ser chamados de *turistas*, e os *novos turistas*, que a visitam pela primeira vez. Obviamente, cada grupo percebe o impacto ambiental e a hospitalidade de formas distintas, de tal modo que os *turistas antigos* e os *turistas moradores* mantêm um ar saudosista e

3. Para questões sobre nativos e não-nativos na Ilha Grande, ver Prado (2003).

4. “De tal forma, el turismo crea, transforma, e inclusive valoriza diferencialmente espacios que podrían no tener ‘valor’ en el contexto de la lógica de producción [...]. Toda la cuestión del patrimonio ‘turistificado’ se puede analizar bajo esta vertiente” (Nicolas, 1989).

5. “A la valoración social de estos espacios, debe acompañarle la posibilidad de ser usados. Cuando pasa a ser masivo, será el momento en el cual las transformaciones del espacio también serán masivas, mediante una actuación intensiva sobre el territorio” (Nicolas, 1989: 218).

cultivam comentários que remetem a outras épocas. Assim, conseguem comparar a época em que “não havia tanto mau cheiro” com os tempos atuais, onde se vêem “línguas-negras desembocando na praia”. Quanto à hospitalidade, percebem certa euforia em relação aos serviços, cada turista é disputado por carregadores, barqueiros, guias e agentes de pousadas, o que gera certo desconforto tanto aos *antigos* quanto aos *novos turistas*, além do problema da poluição sonora em estabelecimentos noturnos, que incomoda hóspedes (Prado, 2003).

O *novo turista* apresenta-se satisfeito em relação aos serviços prestados, apesar da “simplicidade” apontada por alguns. Percebem-se, também, alguns dos problemas ambientais que acometem não somente a Vila do Abraão, mas toda a Ilha Grande, e consideram a urgência de se moverem ações para reverter esse quadro. Entretanto, fica a clara a distinção das visões ambientais e de hospitalidade, quando comparados os diferentes segmentos sociais.

As condições climáticas, em alguns casos, foram mais pronunciadas que aspectos paisagísticos, quando mencionavam a chuva como algo desinteressante para a temporada em uma ilha.

As percepções variam segundo a profissão e a idade dos visitantes. Os comerciantes, professores e profissionais liberais enfatizam aspectos contrários aos dos seus locais de origem (Rio de Janeiro e São Paulo), como: “segurança”, “as praias, a paz”, “a tranquilidade do lugar” (mencionado inúmeras vezes), “aqui se fica tranquilo”, “um lugar muito agradável para repousar”, “o clima paradisíaco”, “acho tudo aqui um paraíso”, explicitando o contraste entre as metrópoles e a Ilha Grande, embora, para essas pessoas, os parâmetros para definir segurança e tranquilidade possam estar um pouco alterados, em virtude da realidade em que vivem.

Os mais jovens exaltam “as belas paisagens”, “a comida”, “a natureza”, “as pessoas bonitas”, “as nativas”, “a galera”, evidenciando seu natural desapego ao conforto e consumo, e valorização do que pode ser visto e vivenciado, e onde o que não agrada é “a quantidade de policiais”.

Visões também podem sofrer influências de acordo com as experiências turísticas anteriores, ou seja, o que pode ser bom para alguns pode ser definitivamente ruim para outros, como se observa em “(bom) atendimento”, “poder aproveitar todo o meu dia num lugar indescritível”, “poucas pessoas” (em julho – baixa temporada), “hospitalidade (mencionado várias vezes) e simpatia das pessoas”, “tudo é meio cosmopolita”.

Os aspectos negativos podem não ser percebidos pela maioria, mas se fazem notar na experiência tanto de *novos* quanto de *antigos turistas*. Há “muita sujeira” e “aumento da poluição, lixo nas praias”. Portanto, “o lugar é paradisíaco e precisa ser preservado”. Por outro lado “o atendimento é péssimo”, “é impossível curtir uma praia, uma trilha na alta temporada sem se deparar com muita poluição, até

mesmo sonora”, “a cada ano que venho (venho desde 1972), vejo a ilha cada vez mais degradada”.

Segundo Prado (2003), “os problemas se exacerbam nos feriados, Ano Novo, Carnaval, Semana Santa, e na alta temporada do verão, que pude presenciar em sucessivos janeiros. [...] tudo se vende, tudo se aluga, enquanto um acúmulo de lixo vai se formando”.

Percebendo claramente os problemas de planejamento da Ilha Grande, as opiniões dos visitantes podem ser um instrumento muito eficiente na formatação de planos de organização turística. Portanto, a partir de dados como esses, é possível identificar os pontos fortes e fracos do local e utilizá-los na prática, em forma de planejamento.

Conclusões

Em virtude das discussões propostas e diante das novas questões levantadas, faz-se necessário analisar separadamente duas questões: a realidade do residente e o imaginário do visitante; os reflexos da degradação ambiental sobre a hospitalidade local. Tais colocações acabaram por interferir uma na outra.

Em primeiro lugar, a percepção nostálgica do lugar pelos moradores, em boa parte, não é compartilhada pelos visitantes, que conheceram o local em seu estado atual. Para a maioria dos turistas, a imagem do Instituto Penal Cândido Mendes é negativa e imaginam que a vida na Ilha Grande seja melhor atualmente. Segundo Nicolas (1989), “o espaço não é somente o elemento que permite mudar de lógica, mudar de ‘mundo’. É também um fator constitutivo da experiência do turismo.”⁶ A existência do Instituto Penal Cândido Mendes provocava uma certa repulsa nas pessoas, devido às constantes fugas e à alta periculosidade dos detentos, o que manteve a Ilha Grande fora das rotas de turismo até o início da década de 1990. Hoje em dia, as ruínas da cadeia permitem a *volta ao passado*. Podemos, então, perceber que “o imaginário coletivo ligado ao turismo se construiu através dos relatos dos que viajaram primeiro, da mesma forma que as primeiras cruzadas criaram um imaginário que gerou conseqüências e uma visão distorcida” (Nicolas, 1989)⁷ A imagem *maldita* da Ilha Grande deve-se, em grande parte, às impressões dos primeiros visitantes e a seus relatos.

6. “El espacio no es solo el elemento que permite cambiar de lógica, cambiar de ‘mundo’. Es también un factor constitutivo de la experiencia del turismo” (Nicolas, 1989).

7. “El imaginario colectivo ligado al turismo se constituyó a través de los relatos de quienes viajaron primero, en la misma forma que las primeras cruzadas crearon un imaginario que generó las consecutivas y una visión desvirtuada [...]” (Nicolas, 1989).

Camargo afirma que:

Os termos construção ou invenção do patrimônio, não devem ser entendidos como recursos de retórica. Eles se fundamentam na constatação da inexistência do conceito de patrimônio histórico em outras sociedades, que não aquelas advindas da Revolução Industrial em fins do século XVIII, e dos seus desdobramentos nos dois séculos subsequentes (Camargo, 2000).

Sobre o mesmo aspecto, Luchiari pondera:

A descoberta e a invenção – termos muito utilizados nas análises turísticas – não possuem o mesmo significado, mas convergem na emergência dos lugares turísticos. Na descoberta, o turista é o primeiro a revelar a existência de um lugar. Na invenção, o turista é o criador das representações valorativas de certas paisagens (*apud* Deprest, 1997: 101). Estes dois processos associados é que dão visibilidade às paisagens (Luchiari *In*: Lima, 1998).

No caso da Ilha Grande, houve a invenção de sua imagem como atrativo turístico. A princípio, a beleza da paisagem natural era o grande diferencial. Entretanto, a alcunha da Ilha Grande de *paraíso* esteve sempre ligada à existência do Instituto Penal Cândido Mendes, o que, para os visitantes, alterava a alcunha para *paraíso proibido*. Dessa forma, o recurso turístico Ilha Grande foi paulatinamente sendo construído/inventado.

Em segundo lugar, pode-se perceber que o visitante ainda não foi totalmente prejudicado em sua experiência, devido a todas essas mudanças. A indicação de outras pessoas ainda é o grande fator de motivação para a viagem, demonstrando que o visitante termina o passeio com um grau de satisfação elevado.

Há dependência econômica dos empreendedores, que devem sua renda à hospitalidade e à boa atuação frente à clientela. Os empreendedores, apesar de responsabilizarem o *turismo*, e não somente o *turista*, pela degradação ambiental, mantêm a prática hospitaleira, “porque eles não têm culpa se os governantes locais não cumprem suas obrigações. Pergunte ao turista se eles estão satisfeitos com a nossa hospitalidade”.

A experiência turística deve ser avaliada em sua totalidade, fazendo com que a questão da hospitalidade e do meio ambiente interajam ainda mais fortemente.

Para os “turistas do futuro” de Olsen & Connolly (2003), o conjunto da cadeia hospitaleira – alimentação, transporte e hospedagem – deve atuar em perfeita sintonia. “Esse cliente do futuro também evitará aqueles destinos que criam riscos para sua segurança e seu bem-estar, como resultado do aumento de crimes, nacionalismos ou ameaças crescentes de grupos fanáticos” (Olsen *In*:

Lockwood; Medlir, 2003). A degradação ambiental é um reflexo da degradação social, o que pode ocasionar queda na visitação. O setor de hospitalidade deve estar preparado para oferecer em serviços e acomodações o que poderia faltar em atratividade paisagística, a fim de evitar prejuízos financeiros. Nesse sentido, a gestão da Vila do Abraão deve ser enfocada mais detidamente. Por ter um território relativamente pequeno, a administração do visitante, o planejamento das ações e o monitoramento do impacto ambiental tornam-se mais fáceis de ser aplicados. Diminuição da burocracia, estudos mais confiáveis, marketing direcionado e opções de lazer mais flexíveis ao visitante/consumidor devem ser algumas das atitudes a serem tomadas. É desnecessário inviabilizar o turismo na Ilha Grande para classes economicamente menos favorecidas. A diversidade de oferta existente já considera a variabilidade da demanda. É preciso, então, estipular normas para reger e regulamentar essa oferta.

Referências bibliográficas

- CAMARGO, Haroldo Leitão. 2000. Dimensões do Patrimônio e do Turismo Cultural no Brasil. *In*: Encontro de Turismo com Base Local, IV, 2000, Joinville. *Anais...* Joinville.
- CRUZ, Sílvia Helena Ribeiro. 1996. Turismo na Ilha de Cotijuba, sob a percepção de seus residentes. *Turismo em Análise*, v. 6, n. 2, p. 79-92, maio.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. 2001. *Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo*. São Paulo: Futura.
- FUNBIO, PROGRAMA MPE. 2002. *Ilha Grande (RJ): Análise de sua visitação e propostas para seu ordenamento*. Rio de Janeiro: mimeo.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E PROJETOS ESPECIAIS, FUNDAÇÃO INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. 1993. *Plano diretor do Parque Estadual da Ilha Grande*. Rio de Janeiro: UFRRJ.
- LEMOS, Amália Ines G. (Org.). 1999. *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: HUCITEC.
- LIMA, Luiz Cruz (Org.). 1998. *Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico*. Fortaleza: UECE.
- NICOLAS, Daniel H. (Org.). 1989. *Teoría y praxis del espacio turístico*. Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana – Xochomilco.
- OLSEN, Michael (Org.). 2003. *Turismo e hospitalidade no século XXI*. São Paulo: Manole.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. 2000. *Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo*. São Paulo: Manole.
- PRADO, Rosane M. 2003. Tensão no paraíso: aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 7, mar. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net>>.
- _____. 2000. Depois que entrou o Imbamba: concepções de preservação ambiental entre a população da Ilha Grande. *In*: Reunião Brasileira de Antropologia, XXI, 2000, Brasília. *Anais...* Brasília.
- RUSHMANN, Doris. 1997. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: Papirus.
- TULIK, Olga. 1990. Turismo e repercussões no espaço geográfico. *Turismo em Análise*, v.1, n.2, p. 63, nov.

Recebido em: 20/07/2005.

Aprovado em: 10/09/2005.